

OPATRNÝŠMEJKALBRIXIHLAV
NIČKAPERUTZFRIČOVÁMED
HUBINGERCHOB**HISTÓRIAS**
OTOVÁLORENZE▶**MEMÓRIAS**
OPATRNÝ**DE**▶**IMIGRANTES**
STANSELKUBÍČEK**TCHecos**
VOJTĚCHFRIČBAŘANO▶**BRASIL**
OPATRNÝŠMEJKALBRIXIHLAV
NIČKAPERUTZFRIČOVÁMED
HUBINGERCHOBOTOVÁLORE
NZSTANSELKUBÍČEKVOJTĚC
HFRIČBAŘAOPATRNÝŠMEJKAL
BRIXIHLAVNIČKAPERUTZFRI
ČOVÁMEDHUBINGERCHOBO
TOVÁLORENZSTANSELKUBÍČ
EKVOJTĚCHFRIČBAŘAOPATR
NÝŠMEJKALBRIXIHLAVNIČKA
PERUTZFRIČOVÁMEDHUBING

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE IMIGRANTES TCHECOS NO BRASIL

2023

Embaixada da República Tcheca

Brasília

Sumário

- 4 Apresentação
 Josef Opatrný
- 14 Linha do tempo
 Datas importantes da imigração tcheca para o Brasil
- 16 Os jesuítas tchecos no Brasil
 Mons. ICDr. Marcel Šmejkal
- 22 Humildade e sabedoria de um imigrante
 Fernando Lorenz de Azevedo
- 28 Jan Nepomuk Kubiček – os traços boêmios na presidência
do Brasil
 Soraya Brixí Tony de Souza
- 36 A família Brixí – a origem boêmia e o sonho de uma nova
vida no Brasil
 Soraya Brixí Tony de Souza
- 44 Uma travessia de Zlín a São Paulo
 José Hlavnička
- 50 Hans e Liselotte – refugiados de guerra na América do Sul
 Cristiane Perutz e Renata Canellas
- 56 As aventuras de um músico tcheco em Brasília
 Bohumil Med
- 60 Memórias de um embaixador
 Václav Hubinger
- 64 Brasil, um paraíso verde
 Radka Kristýna Chobotová
- 68 Nas terras da Boêmia
 Soraya Brixí Tony de Souza

Apresentação

Missionários, viajantes e imigrantes das terras tchecas no Brasil

Josef Opatrný

As publicações históricas que marcam o início das relações entre os países da Europa Central e os países da América Latina devem começar com as referências às atividades dos membros da ordem jesuíta da província tcheca.

Ao que consta, a ordem jesuíta tcheca chegou ao continente americano ainda no século XVII com a finalidade de participar do processo de evangelização de indígenas. A maior parte dos missionários operava nas colônias espanholas, principalmente na Nova Espanha.

Entre os pioneiros estava Valentin Stansel, que, no entanto, distanciando-se do fluxo, não se dirigiu às regiões controladas pelos espanhóis, mas seguiu para o Brasil português. Antes de sua viagem pelo Atlântico, o docente da escola jesuíta de Olomouc passou um tempo em Portugal ensinando matemática nas universidades de



Convento dos Jesuítas, atual Centro de Arte da Universidade Palacký, edifício barroco tombado que pertence ao complexo arquitetônico da antiga Escola Jesuíta, em Olomouc, Tchêquia (foto: Milena Valušková).

Lisboa e de Évora. Já no Brasil, mais precisamente em Salvador, continuou suas atividades pedagógicas, publicou alguns trabalhos sobre astronomia e logo foi reconhecido como um excelente cientista e professor.

Depois de Stansel, outro importante jesuíta da província tcheca a ter deixado um legado expressivo no Brasil foi Samuel Fritz. Foi ele quem fez o mapeamento do rio Amazonas, bastante preciso à época. O mapa foi utilizado por pesquisadores e autoridades públicas durante todo o século XVIII.

No final da década de 1820, viajaram para o Brasil, com propósitos científicos, os acompanhantes da arquiduquesa Leopoldina,

filha do imperador austríaco Francisco II, que havia se casado em 1817 com Dom Pedro I, o sucessor do rei João VI no trono português e brasileiro. No Brasil, o naturalista tcheco-austríaco Johann Mikan e o botânico Emanuel Pohl realizaram, junto com seus colaboradores locais, pesquisas abrangentes, cujos resultados mais tarde foram desenvolvidos pela ciência brasileira.

O casamento de Leopoldina gerou, na monarquia europeia, uma onda de interesse pelo Brasil, a ponto de aumentar a imigração de europeus para a colônia portuguesa e, a partir de 1822, para o império independente brasileiro. Entre os imigrantes, destaca-se Jan ou Josef Kubíček (os dois nomes aparecem na literatura dedicada ao tema), que se tornou objeto de pesquisa intensa dos historiadores e arquivistas tchecos e brasileiros em meados do século XX. A saber, Jan ou Josef Kubíček foi antepassado do presidente Juscelino Kubitschek, chefe de Estado bem-sucedido e bastante popular que governou o Brasil entre os anos 1956 e 1961. Juscelino não tinha o domínio da língua tcheca, mas sabia de sua origem e a lembrava reiteradamente.

No final de década de 1950, a diplomacia tchecoslovaca não ocultava a intenção de levar a Praga, em uma visita oficial, o governante famoso de um país estratégico do ponto de vista econômico para promover a importação e, sobretudo, a exportação tchecoslovaca. A visita não aconteceu e apenas a esposa e a filha do presidente Juscelino Kubitschek conheceram a Tchécoslováquia.

Mesmo com os esforços dos genealogistas tchecos e brasileiros, tampouco conseguiu-se comprovar com toda segurança qual aldeia situada no sul da Tchécua seria o local de origem dos antepassados do presidente. No entanto, Juscelino Kubitschek representa até hoje um laço extraordinariamente sólido entre o Brasil e a República Tcheca.



Família imperial austríaca. A arquiduquesa Leopoldina está sentada na extrema direita da pintura (Joseph Kreutzinger, 1805, *Retrato da família imperial austríaca*, óleo sobre tela, 76,4 x 87 cm).

O grupo de imigrantes que incluiu a chegada do primeiro Kubíček “brasileiro” não foi seguido por uma grande quantidade de outros imigrantes das terras tchecas para a colônia portuguesa. Se na Tchêquia, na metade do século XIX, alguém cogitasse buscar um novo lar, não seria para nenhum destino pouco conhecido. Milhares de pessoas se dirigiram para Viena, outros milhares ao encontro dos “irmãos” eslavos – para os Bálcãs ou para a Rússia.

Devido a razões econômicas e políticas, os Estados Unidos eram um país bastante atraente. Lá, os tchecos fundaram numerosas associações, com sua própria imprensa, e construíram uma rica vida social.

Um número menor de pessoas decidiu que seu destino final seria a América Latina. Quando isso ocorria, em geral era sob a influência de agentes, apoiados pelas empresas de transportes, que informavam o público-alvo europeu sobre as vantagens econômicas que estavam disponíveis no Brasil e na Argentina, mas também sobre viagens concernentes aos seus objetivos. Os irmãos Philippi, cujas atividades se desenvolviam nos estados alemães e no nordeste da Tchécua, onde vivia numerosa população alemã, ofereciam orientações sobre o Brasil.

Na primeira metade dos anos 1870, dezenas de famílias partiram do nordeste da Tchécua para o Chile, onde fundaram, além de outros povoados, uma cidadezinha denominada Nueva Braunau, nome que lembrava a antiga pátria Nový Broumov. A colônia prosperou muito bem, porém não é possível afirmar o mesmo sobre os povoados fundados naquela época no Brasil. Os habitantes da Europa Central enfrentavam diferentes condições climáticas e se envolveram em grandes problemas.

Por fim, o cônsul austríaco encarregado do caso ajudou muitos imigrantes a regressarem à Europa dos antigos súditos do imperador Francisco José. Em 1874, o primeiro grupo de repatriados chegava a Brehmen a bordo do navio Polixeni. Outras centenas de regressos seguiram para os povoados de Theodore e Monico, que foram habitados, na maioria dos casos, pelos imigrantes do Império Austro-Húngaro e da Alemanha. E mais pessoas estavam à espera da repatriação na Bahia e no Rio de Janeiro. A monarquia não era favorável à migração, aproveitava-se dos casos de expatriação na sua propaganda antimigratória. Era nítido que o governo não tinha qualquer compromisso com os cidadãos que haviam escolhido migrar e que o envolvimento do cônsul no Brasil foi apenas uma ação humanitária de repartições



Alberto Vojtěch Frič e indígena no Gran Chaco. O viajante etnógrafo, botânico e fotógrafo realizou, entre 1903 e 1913, três viagens de exploração pelo território atual da Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai (foto: arquivo da família de A.V. Frič).

que visava ajudar as vítimas dos agentes irresponsáveis que seduziam pessoas ingênuas para aventuras imigratórias.

Em sua viagem pela América Latina, o viajante tcheco Antonín Neugebauer passou por associações anarquistas no Brasil, no Uruguai e na Argentina. Durante sua turnê na Bahia, em 1889, Klementina Kalašová, famosa cantora tcheca de ópera, morreu de febre amarela. Na virada do século, os estados do Sul do Brasil se tornaram roteiro de viagem de Alberto Vojtěch Frič, que lá fez diversas paradas durante expedições nas primeiras duas décadas do século XX.

Nessa época, já se encontravam algumas centenas de imigrantes da Tchécua no Brasil, que vieram em quantidades maiores nos anos 1890. Em São Paulo, um grupo fundou, em 13 de outubro de 1895, uma associação chamada Slávia – que foi provavelmente a primeira entidade tcheca desse tipo na América Latina. O secretário da associação, J. Miklošek, promovia a imigração para o Brasil, afirmando que os órgãos brasileiros apoiavam imigrantes da Tchécua e garantiam a eles melhores condições de vida. Essas vantagens consistiam principalmente em concessão gratuita de terras em regiões onde havia incentivos para a colonização.

Mudaram-se para a América Latina não só agricultores, como também artesãos, operários e técnicos. No Brasil, na Venezuela, na Colômbia e na Argentina, imigrantes trabalhavam em refinarias de açúcar, empresas de engenharia mecânica e, muitas vezes, cervejarias. Em vários casos, mestres cervejeiros tchecos instituíram a tradição da fabricação de cerveja nas regiões em que viviam. Da Tchécua, importava-se maquinário, além de lúpulo e malte, matérias-primas necessárias para a produção. As cervejarias se tornaram uma possibilidade de emprego para novos imigrantes da Europa Central. Estes eram contratados por seus conterrâneos, que desfrutavam de excelente reputação no setor cervejeiro.

Ao descrever sua estadia na América do Sul, os imigrantes tchecos, sobretudo os que estiveram no Brasil, na Argentina e no Uruguai, mencionavam com frequência que seus itinerários foram marcados pelas cervejarias, onde os funcionários tchecos auxiliavam recém-chegados a encontrar emprego e davam orientações quanto à integração na sociedade local.

Por vezes, os imigrantes do Império Austro-Húngaro se encontravam em condições complicadas, na época da Primeira Guerra Mundial, por serem considerados cidadãos de potências inimigas

dos governos latino-americanos. Entretanto, eles frequentemente apoiavam a ideia da Tchecoslováquia independente e, na Argentina, foi fundada uma organização que colaborava com o Conselho Nacional da Tchecoslováquia. Alguns imigrantes que viviam no Brasil ingressaram nela, mandavam dinheiro para financiar suas atividades e estavam dispostos a participar diretamente da luta das legiões tchecoslovacas na França e na Itália.

Após a Primeira Guerra Mundial, o Brasil foi um dos primeiros países da América do Sul a estabelecer relações diplomáticas com a Tchecoslováquia, em 1920. Em seguida, o Ministério das Relações Exteriores de Praga inaugurou a Embaixada e os Consulados no Brasil. As legações diplomáticas foram procuradas para consultas por parte dos interessados na imigração para o Brasil devido ao fato de que outros países, sobretudo os Estados Unidos – principal destino da imigração tcheca na época anterior –, restringiram significativamente, por meio de um sistema de cotas, as possibilidades de entrada. Para os interessados em imigrar, Václav Kresta, cônsul da Tchecoslováquia em Santos, preparou um livreto intitulado *O Brasil – manual para imigrantes tchecoslovacos (Brazilie. Poučení pro československé vystěhovalce)*, que apresentava, em oitenta páginas, informações básicas sobre oportunidades no Brasil para agricultores, artesãos e operários industriais.

O mercado brasileiro foi alvo do interesse de empresas tchecoslovacas que procuravam novas oportunidades de vendas de seus produtos – como foi o caso da empresa automobilística Škoda – e, também, novos fornecedores de matérias-primas para sua produção industrial. A empresa de calçados Baťa demonstrou um interesse extraordinário ao cogitar a exportação de couro para a rede de suas fábricas na Tchecoslováquia e em outros países da



A sede da empresa Baťa, em Zlín, Tchêquia, é um exemplo único de planejamento urbano e arquitetura moderna do período entre guerras (foto: iStock).

As atividades da Baťa nos estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul foram bastante apreciadas pelos órgãos brasileiros, mas Jan Antonín Baťa não foi o único tcheco nativo que recebeu um vasto reconhecimento no Brasil. Antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial, com o objetivo de evitar o serviço militar obrigatório no exército austríaco, o famoso poliglota e esperantista Francisco Valdomiro Lorenz fixou residência no Rio Grande do Sul e hoje é considerado um precursor do movimento esperantista no Brasil. Na segunda metade do século XX, Bohumil Med teve sucesso como trompetista, professor de trompa e criador da maior livraria musical do país.

Todos faziam parte da comunidade tcheco-brasileira que, todavia, não atingia em volume de membros o tamanho da comunidade argentina, onde vive o maior número de habitantes de origem tcheca

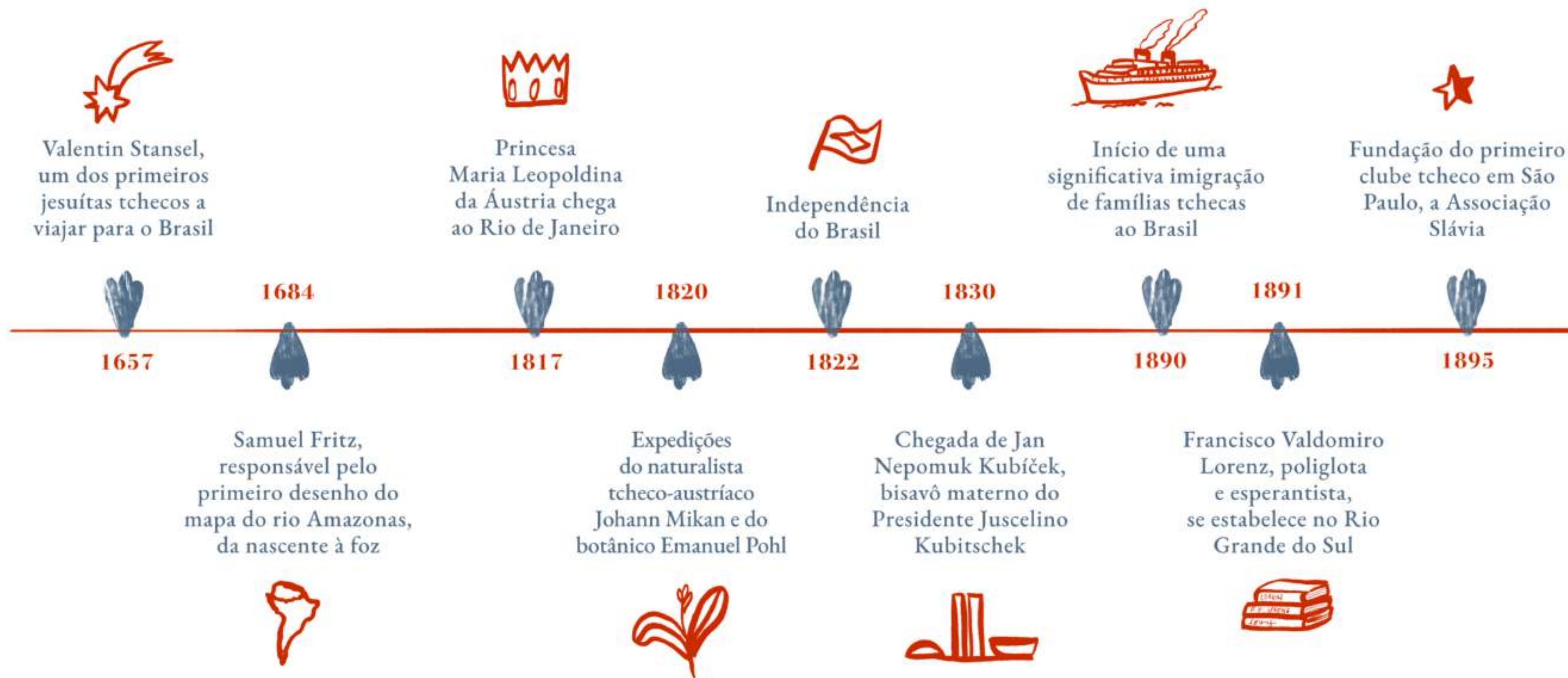
na América Latina. Segundo fontes históricas, no início da década de 1920, cerca de 1.500 pessoas da origem tcheca e eslovaca viviam no Brasil e, na década de 1980, mais de 7 mil. Os membros da comunidade estavam cientes de sua origem, que era mantida devido às atividades coletivas, entre elas a manutenção da ligação com a Tchecoslováquia e, mais tarde, com a Tchécua, e o ensino da língua tcheca, com envio de docentes nativos e apoio do Ministério de Educação da República Tcheca.

Essa situação continua até os dias de hoje e, como no passado, não depende apenas das atividades oficiais e do apoio institucional. Também é do interesse genuíno dos habitantes de origem tcheca e dos novos imigrantes manter, ao menos em parte, a cultura tcheca e a consciência de pertencimento à comunidade nacional tcheca, situada na geograficamente distante Europa.

O Brasil continua na lista de países que recebem atenção não só do Ministério da Relações Exteriores da Tchécua, como também das companhias tchecas. Hoje, assim como no século passado, o mercado brasileiro representa oportunidades e parcerias com empresas industriais locais e, por último, mas não menos importante, é fornecedor de matérias-primas e produtos agrícolas para empresas tchecas.

Josef Opatrný, ibero-americanista tcheco, professor e historiador, foi diretor do Centro de Estudos Ibero-Americanos (SIAS) da Faculdade de Letras da Universidade Carolina de Praga de 1990 a 2019.

Datas importantes da imigração tcheca para o Brasil





1901

Primeira viagem de Alberto Vojtěch Frič ao Brasil



1918

Dissolução do Império Austro-Húngaro e criação da Tchecoslováquia



1920

Estabelecimento de relações diplomáticas entre Brasil e Tchecoslováquia



1930

Jan Antonín Baťa promove a criação de fábricas, povoados e cidades no Mato Grosso do Sul e no interior de São Paulo, onde se estabelece na década seguinte



1948

Golpe de estado na Tchecoslováquia, o Partido Comunista assume o controle do governo com o apoio soviético



1968

Primavera de Praga, os países do Pacto de Varsóvia invadem a Tchecoslováquia para interromper as reformas de democratização e liberalização política



1993

Dissolução da Tchecoslováquia e criação da República Tcheca



Šmejkal

Os jesuítas tchecos no Brasil

Mons. ICDr. Marcel Šmejkal

Entre os primeiros tchecos – se não os primeiros – que chegaram por via marítima ao Brasil estão os padres católicos da Companhia de Jesus, que conhecemos sob a designação de jesuítas.

A criação da Companhia de Jesus está ligada a Santo Inácio de Loyola (1491-1556), um nobre basco que planejava seguir carreira militar, mas que, aos 33 anos, após sua conversão, decidiu tornar-se clérigo. Durante os estudos na Sorbonne, reuniu em seu entorno um grupo de estudantes com o objetivo de ajudar as almas a chegar à maior honra e glória de Deus. A nova congregação, que recebeu o nome Companhia de Jesus, foi deferida pelo papa Paulo III em 22 de abril de 1541. Em seguida, a ordem se espalhou rapidamente pela Itália e além de suas fronteiras, sobretudo em Portugal (1546), na Espanha (1457) e na França (1555).

A pedido do bispo de Praga, com a bênção do papa e com a carta de apoio de Santo Inácio, Santo Petr Kanisius (1521-1597) levou, já em 1556, 12 freis da Itália para a Tchécua e fundou lá o primeiro colégio jesuíta de Praga que, posteriormente, tornou-se



Atualmente o Klementinum é um complexo arquitetônico de edifícios históricos que abriga a Biblioteca Nacional da Tchêquia (foto: Jan Kolman, Radio Prague International)

Klementinum. De Praga, os jesuítas logo se espalharam por Olomouc, Brno, Český Krumlov, Chomutov e Jindřichův Hradec. No século XVII, avançaram para outras cidades.

Em 1623 foi criada uma província tcheca independente. Nas terras tchecas, os jesuítas se especializaram na educação de jovens e foram reconhecidos por sua dedicação aos pobres durante as epidemias de peste.

Entre os jesuítas tchecos eruditos se destacam em especial: Felix Kadlinský (1613-1675), escritor e tradutor; Bedřich Bridel (1619-1680), escritor e poeta; Bohuslav Balbín (1621-1688), literato, historiador, geógrafo, pedagogo e importante defensor do uso da língua tcheca; Matěj Václav Šteyer (1630-1692), tradutor, escritor e linguista; Jakub Kresa (1648-1715), matemático; Jiří Josef Kamel (1661-1706), missionário, farmacêutico e botânico, elaborou os pri-

meiros relatórios completos sobre a flora e a fauna das Filipinas; Karel Slavíček (1678-1735), matemático, astrônomo, músico e missionário na China, o primeiro sinólogo tcheco; Christian Mayer (1719-1783), jesuíta tcheco-alemão que descobriu e estudou estrelas binárias; Jan Tesánek (1728-1788), matemático, físico e astrônomo; Stanislav Vydra (1741-1804), matemático, professor universitário e ativista dedicado a fomentar uma consciência nacionalista entre o povo tcheco.

Diferentemente de outros países da América Latina, onde franciscanos e dominicanos já tinham atuado antes de sua chegada, no Brasil os jesuítas foram os primeiros missionários. Embora o primeiro padre católico a chegar ao país tenha vindo com a expedição de Pedro Álvares Cabral, em 1500, uma atividade contínua de missionários só aconteceu com a chegada dos primeiros jesuítas, em 1549. Apenas mais tarde surgiram outras denominações (carmelitas, beneditinos, franciscanos, capuchinhos e outros). Os jesuítas defenderam a liberdade e os costumes dos indígenas – exceto a poligamia e o canibalismo – e estudaram línguas locais, necessárias para a comunicação entre eles.

Os jesuítas da província tcheca não participaram das missões no Novo Mundo durante o século XVI, uma vez que elas eram destinadas aos missionários dos países que se apropriaram desses territórios. No entanto, a situação mudou no século XVII, e os jesuítas das terras tchecas começaram a se direcionar para as missões na América Latina (México, Paraguai, Peru, Chile e Brasil), como também para outros destinos (Filipinas, Índia, China, norte da Europa e Rússia).

A formação dos jesuítas consistia em um noviciado de dois anos e estudos de filosofia e teologia, ambos com duração de quatro anos. Os candidatos para trabalhar nas missões precisavam ter boa

saúde e boas condições físicas, necessárias para uma viagem exigente que podia demorar, da Tchécua para a América Latina, até alguns anos. Também precisavam ter boa capacidade de adaptação a novas condições climáticas, a composições alimentares diferentes, a enfrentamento de insetos etc. As disposições linguísticas eram essenciais para aprender idiomas nativos. As habilidades artísticas e artesanais e os conhecimentos da cartografia, da medicina e da farmacêutica se tornaram muito úteis.



O primeiro jesuíta tcheco no Brasil foi o astrônomo e matemático Valentin Stansel (1621-1705). Nativo de Olomouc, ele atuava como professor universitário de matemática em Olomouc e Praga. Sonhava em viajar para o espaço e desejava participar das missões. Em 1657, partiu para Lisboa com a intenção de ser enviado para uma missão na China. Em vez disso, foi mandado para o Brasil, onde escreveu a maior parte de seus trabalhos, que foram publicados em Praga e Roma. Em 1673, seus comentários sobre a observação de um cometa em 1668 saíram no jornal italiano *Giornale dei Letterati*. Esse artigo foi traduzido e divulgado no jornal londrino *Philosophical Transactions*, ao qual Isaac Newton teve acesso. Em consequência disso, o artigo foi citado por Newton em sua obra *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*, que estabeleceu os princípios da mecânica clássica.

Em geral, os missionários saíam em grupos e só depois os indi-



Samuel Fritz, *O grande rio Maranhão ou Amazonas com a Missão da Companhia de Jesus*, 1707, 31 x 39 cm (imagem: bndigital.bn.gov.br)

víduos eram alocados nas regiões das missões. O primeiro grupo organizado saiu da Tchêquia para a América Latina em 1678. A expedição seguinte, que partiu em 1684, contava com Samuel Fritz (1654-1725), nativo de Trutnov, que fundou 41 reduções (ou aldeamentos), com aproximadamente 40 mil indígenas, cuja extensão perpassava regiões que hoje pertencem ao Brasil, Equador e Peru. Fritz produziu o primeiro mapa detalhado da Amazônia em que figura o rio Amazonas desde suas nascentes até o estuário, incluindo seus afluentes. Foi um dos primeiros europeus a atravessar a América Latina do oceano Atlântico ao Pacífico.

Os jesuítas tchecos divulgaram no Brasil o culto a São João de Nepomuceno e, também, a devoção ao Menino Jesus de Praga.



Lorenz

Humildade e sabedoria de um imigrante

Fernando Lorenz de Azevedo

As últimas décadas dos anos de 1800, na Europa, foram de grandes mudanças políticas. Nesse contexto nasceu, no Natal de 1872, Francisco Valdomiro Lorenz, em Zbislav, no Reino da Boêmia, Império Austro-Húngaro, hoje República Tcheca ou Tchêquia.

Filho de um moleiro de poucas posses, o jovem Francisco, apesar das dificuldades, aprendeu a ler aos 4 anos de idade graças ao seu gosto pelo estudo. Aprendeu as primeiras letras nas línguas eslava, grega e hebraica e em latim. Com grande interesse pelo esperanto, publicou aos 17 anos uma das primeiras obras sobre essa língua universal criada em 1887.

Vivendo sob um regime político restritivo, seu espírito livre e empreendedor não pôde suportar as restrições religiosas e os conceitos antidemocráticos do governo imperial da Áustria, ao qual o então Reino da Boêmia estava submetido. Assim, em 1891, aos 19 anos, Lorenz, sem se despedir de seus familiares, parte

para Portugal, de onde, antes da viagem que o traria ao Brasil, envia um cartão aos seus dizendo: “Meus queridos pais, o destino me leva além dos mares. Adeus”.

No Brasil, inicialmente trabalhou nas minas de Morro Velho, em Mariana no Estado de Minas Gerais. Posteriormente, viajou para o Rio Grande do Sul, residindo em Porto Alegre, no bairro Cristal, trabalhando como intérprete dos imigrantes que ali se fixaram. Mais tarde, por motivo de saúde e a conselho do médico, mudou-se para Dom Feliciano, então 3º Distrito do Município de Encruzilhada do Sul, onde se casou. Constituiu família trabalhando como agricultor e professor em uma escola social.

... corria o ano de 1928 e governava o estado do Rio Grande do Sul o Dr. Getúlio Vargas, então vivamente interessado na reforma e aprimoramento do ensino.

Certa manhã, recebi um amável convite para comparecer às 14h na Biblioteca Pública, pois que lá estava sendo feita uma triagem de todo o Professorado Estadual do Ensino Primário... A chamada dos examinadores era precedida em ordem alfabética. Em dado momento, ouviu-se chamar “Francisco Valdomiro Lorenz”. Imediatamente viu-se, andando em direção à mesa, um cidadão aparentando 45 anos, trajando branco, botinas pretas, lenço de seda ajustado no pescoço com uma aliança e de chapéu de palhinha na mão. À sua passagem pelo corredor, com facilidade se escutaram risinhos de professorinhas muito bem vestidas e pintadas, o que fez com que o Ir. Bahlis (que me convidou) murmurasse, contrafeito: “daqui a pouco vocês mudarão de atitude!”. ... Foi a essa altura que teve início um diálogo que ficou indelevelmente gravado na mente de todos os presentes:

(Dr. Maurício Cardoso) – Pelo que vejo, o senhor se dedica ao ensino da etimologia das palavras.

(Lorenz) – Sim, Excelência, estudo.

(Dr. Maurício Cardoso) – Além do latim, grego e árabe, que são raízes de nosso idioma, aprecia ou estuda outras línguas vivas?

(Lorenz) – Sim, Excelência, de modo especial as línguas chamadas “mortas”.

(Dr. Maurício Cardoso) – O senhor diz “mortas”. Por que não prefere as “vivas”?

(Lorenz) – Porque, salvo erro da minha parte, as “vivas” nada mais são do que herdeiras das “mortas”.

Dr. Maurício Cardoso convida Lorenz a dialogar sobre os idiomas que ele, Cardoso, tinha domínio.

(Lorenz) – Estou às inteiras ordens de Vossa Excelência.

Então os presentes tiveram a revelação do grande homem modestamente vestido e que suscitava risinhos.

Como era notório nas altas esferas da intelectualidade brasileira, o doutor Maurício falava corretamente 12 idiomas “vivos”. Valendo-se disso, conversou com Lorenz em todos eles, e em cada um desses idiomas, com grande diplomacia e humildade, escutava observações como: “Excelência, a sua pronúncia denota que seu professor era originário ou descendente de algum habitante de tal ou qual cidade da Alemanha, Áustria, Inglaterra, Pérsia etc. Isso é natural, porquanto esses povos, através de muitos séculos, empenharam-se em muitas guerras, e certas palavras sofreram substanciais alterações, principalmente em sua tônica”. E prosseguindo: “nas capitais, onde se cultuam as regras gramaticais, a pronúncia é assim”, e pronunciava as palavras, citando os motivos.

Empolgado diante daquele verdadeiro repertório do saber, o doutor Maurício Cardoso, após constatar o conhecimento de Lorenz no idioma japonês (que ele, Maurício, não dominava), solicita a presença do doutor Nemoto, japonês de nascimento, para comprová-lo. Por fim, esclarece aos presentes que realmente seu ilustre interlocutor era um fenômeno linguístico e, com sincera admiração de sua parte, acaba por descobrir que Nemoto não estava falando o

japonês usado em Tóquio, e sim em Yokohama.

Um fato, a essa altura, emocionou extraordinariamente aquela felicíssima assistência: o doutor Maurício bate no tímpano e diz: “Senhoras e senhores! Convido a que nos levantemos!”. Todos de pé, ele deixa a presidência da mesa, encaminha-se até

nosso Ir. Lorenz e diz: “Mestre, vinde ocupar o lugar que indevidamente eu estava ocupando. Ele vos cabe”.

Uma salva de palmas, que durou muito tempo, coroou as palavras do doutor Maurício. Extraordinariamente encabulado, Lorenz baixou a cabeça e apenas conseguiu murmurar: “Oh! Por caridade, doutor, se está concluída a minha prova, permita que eu volte para minha casa em São Feliciano”. Doutor Maurício declarou, cheio de emoção e entusiasmo, sua admiração por Lorenz e deferiu seu pedido. No dia seguinte, Getúlio Vargas, informado do que ocorrera, mandou chamá-lo ao Palácio, manifestou-lhe também grande admiração e convidou-o para trabalhar na Secretaria do Interior e Justiça, no Departamento de Relações Consulares, pois, como tradutor, poderia prestar relevantes serviços naquele setor. “Senhor governador”, disse Lorenz, “sensibilizado ao máximo, agradeço tão honroso convite. Entretanto, se vossa extrema bondade permitir, imploro que me deixe voltar para minha escola. O senhor nem pode imaginar o quão feliz me sinto em poder ir diariamente para minha escola, levando junto comigo um elevado número de meninos”. Getúlio Vargas, embora coerente com a



ideia inicial, terminou concordando, e lá se foi Lorenz para o convívio de seus amados alunos.

Em 1929, com o lançamento de sua obra *Iniciação linguística* por uma das mais importantes editoras brasileiras, a Pensamento, de São Paulo, Lorenz conquista grande reconhecimento por seu notável saber linguístico. Torna-se público seu domínio relacionado a inúmeros idiomas, do Ocidente ao Oriente, antigos e modernos, inclusive sânscrito, tendo feito uma brilhante tradução, em versos no mesmo ritmo do original, do famoso *Bhagavad Gita*, parte do célebre *Mahabharata*, um dos maiores épicos clássicos da Índia. Pela mesma editora, chegou a publicar 56 livros, compreendendo obras espiritualistas, traduções de vários idiomas. Traduziu livros do sânscrito, grego antigo, inglês, francês, italiano, chinês, japonês e árabe. Estudou o volapük (que antecedeu o esperanto) e os idiomas dos povos ameríndios nativos. Em sua erudição linguística, verteu o versículo 16 do capítulo 3 do Evangelho de São João para setenta idiomas.

Para melhor compreender a grandiosa beleza do “Sermão da montanha” no original, pode-se ler o texto ditado pelo espírito de Francisco Valdomiro Lorenz e psicografado pelo médium brasileiro Francisco Cândido Xavier. As primeiras edições da revista *A Reencarnação*, disponíveis na Biblioteca da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, registraram alguns dos textos de Francisco Valdomiro Lorenz, revelando um pouco sobre quem foi esse homem. Universalista, o agricultor e professor escreveu sobre a cabala judaica, o hinduísmo, sobre os povos do Antigo Egito e sobre os costumes dos maias, astecas e ameríndios.

Publicou, ao todo, 72 obras, contribuindo para a divulgação de idiomas, costumes, espiritualidade e saúde popular como a homeopatia. Lorenz seguiu trabalhando até sua morte, em 1957, ainda

muito pobre e humilde. Nunca buscou brilho pessoal ou reconhecimento, destaque ou fortuna, mas trabalho e contribuição por conta de bons valores morais. Hoje é patrono de loja maçônica, de centro espírita, de uma rua em Porto Alegre.

Na República Tcheca, na cidade de Vrdy, próxima ao vilarejo onde nasceu, foi inaugurado em 2017 um museu que leva seu nome e homenageia sua trajetória. Entre suas obras publicadas no Brasil, continuam despertando o interesse dos leitores: *Contos e apólogos* (1918); *Chamas de ódio e a luz de puro amor*, sobre a vida de Jan Huss (1940); *O filho de Zanoni*, que teve inúmeras reedições; *Moises e Siphorah*, poema épico da vida de Moisés e sua mulher Siphora (1920); *A sorte revelada pelo horóscopo cabalístico* (1926); *Kabala e Esperanto sem mestre* (1938).

Sua última obra em esperanto foi *Antologio de brazilaj poetoj*, uma antologia de poetas brasileiros cujo manuscrito foi preparado a pedido da Liga Brasileira de Esperanto para levar a um público maior a poesia feita no Brasil. Para divulgar a bela poesia de sua pátria, publicou, em 1928, em uma pequena gráfica, a obra *Pequena antologia da poesia tcheca*, recentemente reeditada.

Às 13h de 24 de maio de 1957, aos 85 anos, na cidade de Dom Feliciano, Rio Grande do Sul, morreu o imigrante tcheco, que adquiriu cidadania brasileira e aqui viveu os últimos 64 anos de sua existência. No ano de 2022, comemoraram-se os 150 anos de seu nascimento.

Fernando Lorenz de Azevedo é bisneto de Francisco Valdomiro Lorenz, Cônsul honorário da República Tcheca em Porto Alegre e Presidente da Associação do Corpo Consular do Rio Grande do Sul.

Kubiček

Jan Nepomuk Kubiček – os traços boêmios na presidência do Brasil

Soraya Brixí Tony de Souza

O imigrante Jan Nepomuk Kubiček chegou ao Brasil por volta de 1830, provavelmente vindo da região de Třeboň, no sul da Boêmia, como registra a história oral de sua família. Estabeleceu-se em Serro, Minas Gerais, onde passou a maior parte de sua vida no Brasil. A vila, então chamada de Villa do Príncipe, era a sede da Comarca de Serro Frio, centro da exploração de ouro na região. Mas ele não foi ali para trabalhar na mineração. Era marceneiro capacitado e com isso montou sua oficina.

No Brasil, seu nome foi traduzido para João Nepomuceno Kubitschek e, em Serro, ganhou a alcunha de João Alemão, provavelmente por sua aparência e pela língua que falava. Naquela época, a Boêmia estava sob domínio do Império Austro-Húngaro e, portanto, a língua alemã era a mais utilizada.

Segundo Francisco de Assis Barbosa, autor do livro *Juscelino Kubitschek – uma revisão na política brasileira* (1), o nome “João Alemão” começa a ser ouvido em Serro por volta de 1835. Em 1840, ele já possuía uma casa na rua São José, onde instalou sua oficina de marcenaria. Registros indicam que seu trabalho era bastante reconhecido. Produzia móveis também para as famílias mais abastadas da região, principalmente Serro e Diamantina, inclusive para o chamado Casarão do Serro.

Os móveis, por ele produzidos, possuíam traços bastante singulares. Algumas das peças produzidas pelo marceneiro estão em acervos como o do Museu Histórico Casa de JK, de Diamantina, e do Museu Histórico Abílio Barreto, de Belo Horizonte, que abriga

Móveis produzidos por João Nepomuceno Kubitschek (fotos: acervo do Museu Histórico Casa de JK, Diamantina - MG)





Papeleira executada por João Nepomuceno Kubitschek, produzida para o primeiro Bispo de Diamantina (fotos: acervo do Museu Abílio Barreto de Belo Horizonte)

uma papeleira produzida para o primeiro bispo de Diamantina. Assim o Museu Histórico descreve o móvel:

estante-secretária, em estilo romano, foi confeccionada pelo bisavô do Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira (...) para o primeiro Bispo de Diamantina – D. João Antonio dos Santos. Serviu posteriormente nos telégrafos de Diamantina, na Administração dos Correios em Ouro Preto e, ainda, em Belo Horizonte, por mais de 40 anos, foi doada pelo Diretor de Correios e Telégrafos – Dr. Braz Baltazar da Silveira.

No censo do município de Serro de 1840 (2), João Nepomuceno Kubitschek declarou a idade de 36 anos, o que indica que seu nascimento foi entre 1803 e 1804. Consta que sabia ler, era solteiro e marceneiro de profissão. Na sua casa já morava Thereza Maria de Jesus Aguilar, então com 19 anos, solteira e também trabalhando

na marcenaria. Com eles, viviam cinco escravizados, a quem foi ensinado o ofício e que os acompanharam, mais tarde, na mudança para Diamantina.

Ainda em Serro, João Nepomuceno e Thereza Maria tiveram três filhos, entre 1841 e 1845: Carlos, Augusto Elias e João Nepomuceno. A união do casal nunca foi oficializada, tanto que no registro paroquial de batismo do terceiro filho consta apenas o nome da mãe, como se vê neste trecho:

Aos seis dias do mês de outubro de mil oito centos e quarenta e quatro o Reverendo Vigário João da Silva de Andrade, Baptizei e pus os Santos Óleos a João Innocente filho natural de Thereza Maria de Jesus (...) (3).

Em 1850, no entanto, ele reconheceu oficialmente a paternidade das crianças (4), constando seu nome registrado nos documentos posteriores de João Nepomuceno e de Augusto Elias.

A família teria se mudado para Diamantina após 1845. Há evidências de que ali levaram uma vida, se não rica, bastante próspera com sua oficina de marcenaria, onde trabalhavam cerca de 12 pessoas. Em seu livro, Barbosa afirma:

Tudo indica que a mudança para Diamantina seja bem posterior ao nascimento do terceiro filho, sendo certo que em 1849 João Alemão tinha sua oficina montada na cidade. Oficina de sete bancas, quatro oficiais e outros tantos ajudantes: escravos Agapito, Manuel congo, Jerônimo e José Cabra, além de Luís Crioulo (1).

Por volta de 1850, algo parece ter afetado a saúde de João Alemão, mudando para sempre sua vida e o destino de seus filhos. Segundo Barbosa,



Santa Casa de Caridade de Diamantina (imagem: acervo pessoal, 2015)

O mestre marceneiro, em estado de delírio, desaparecera da cidade, deixando tudo o que possuía no abandono, exposto conseqüentemente à deterioração, ao extravio e ao roubo. Só depois que o encontraram é que o juiz mandou proceder ao arrolamento de seus haveres e ao exame médico que o considerou incapaz de preencher as funções mais ordinárias da vida (1).

O marceneiro foi internado na Casa de Caridade da cidade, onde casos de distúrbios mentais eram tratados. Ali permaneceu por cerca de dois anos, aparentemente desconectado da realidade. Os registros da Santa Casa apontam que, em 19 de janeiro de 1854, o último pagamento de suas despesas foi efetuado por João Nepomuceno de Aguillar (5), irmão de Thereza Maria, que aparentemente controlava as finanças da família. João Nepomuceno Kubitschek faleceu na Casa de Caridade em 20 de janeiro de 1854.

Consta de seu registro de falecimento:

João Nepomuceno estrangeiro Alemão – No dia vinte do mês de mil oitocentos e cinquenta, e quatro annos faleceu alienado João Nepomuceno nação Alemão batizado privadamente Sub Conditione por Jose dos Guimarains Peixoto por se duvidar se era protestante, e por se tirar se elle antes de alienar mostrar-se Catholico Romano, informação, que era, e por isso foi incomendado solennemente, e sepultado nas Catacumbas da Capela do Amparo de que fis este assento, e assignei. O Vigro. Interino Bernardino de Sena Camargo. Assentos lançados, que vão lançados no Livro passado tempo porque os Reverendos Sacerdotes, que fazião as vezes do Reverendo Vigario os concervarão em si sem os apresentarem (6).

Sobre os últimos anos de vida de João Nepomuceno Kubitschek, Barbosa escreveu:

João Alemão – morto em vida – vegetou cerca de dois anos mais, entre as quatro paredes de um cárcere privado, construído com o seu dinheiro na Casa de Caridade. Indiferente a tudo e a todos, lá ficou ele no cimo de uma colina de onde se avista a cidade (...) (1).

Na Capela de Nossa Senhora do Amparo, as más condições de identificação das lápides impossibilitam a localização daquela que se destinou ao imigrante. Seu inventário, apesar de tardio, conforme cita Barbosa em seu livro, dá indícios da prosperidade que alcançou: em casa, possuía mobília de qualidade; sua biblioteca contava com vários livros, inclusive em diferentes línguas, como francês e inglês; tinha joias, relógios, ornamentos de ouro para roupas, decorações e peças de prata, entre outros objetos de valor (1). Indícios que indicam que, além de próspero, era um homem culto, com aspectos de refinamento social e cultural.

Após seu falecimento, Thereza Maria de Jesus se casou com Justiniano Fernandes de Azevedo, com quem teve um filho, batizado com o nome do pai. Segundo Barbosa (1), seus filhos com João



João Nepomuceno Kubitschek (filho) (1). Ao lado, Augusto Elias Kubitschek (sentado), a esposa Maria Joaquina Coelho (à esquerda) e a filha Julia Kubitschek – mãe de Juscelino Kubitschek (à direita) (fonte: <http://www.serro.mg.gov.br/images/serranosilustres.pdf>).

Nepomuceno Kubitschek tinham cerca de 9, 11 e 13 anos, sendo que um deles, Carlos, tinha a saúde extremamente frágil. Apesar de ainda tão jovens, as crianças não permaneceram com a mãe. Foram entregues à tutela do tio João Nepomuceno de Aguilar, que também administrava a herança e as finanças dos órfãos (1).

Dois anos mais tarde, as crianças e seus bens passaram à tutela do outro tio, Misael Felicíssimo de Aguilar. Depois disso, a casa de Serro foi vendida e as dificuldades financeiras alcançaram os filhos de João Nepomuceno Kubitschek. A saúde de Carlos, já bastante frágil, se deteriorou, e ele faleceu por volta dos 15 anos de idade. Seu irmão João Nepomuceno foi estudar advocacia no Rio de Janeiro, porém, sem recursos financeiros, retornou a Diamantina para terminar seus estudos. Tornou-se mais tarde um político proeminente, chegando a senador constituinte e vice-presidente de Minas Gerais. Augusto Elias foi, por pouco tempo,

vereador em Diamantina. Diziam que ele gostava de vida calma, na companhia de bons livros. Por fim, dedicou-se apenas à sua loja de aviamentos e casou-se com Maria Joaquina Coelho. Com ela teve a filha Júlia Kubistchek, mãe de Juscelino Kubitschek de Oliveira. O bisneto do imigrante se tornaria mais tarde o 21º Presidente da República, um dos mais proeminentes da história do Brasil.

Fontes:

- (1) Barbosa, Francisco de Assis. *Juscelino Kubitschek – uma revisão na política brasileira*, Editora Guanabara, 1988.
- (2) Registro encontrado por Soraya Brixí nos arquivos do APM, em julho de 2015.
- (3) Registro encontrado por Petr Polakovic nos Arquivos Eclesiásticos da Arquidiocese de Diamantina, em maio de 2015.
- (4) Registro encontrado por Petr Polakovic na BAT de Diamantina, em março de 2023.
- (5) Registros encontrados por Soraya Brixí nos livros de receitas e despesas da Santa Casa de Caridade, em julho de 2015.
- (6) Registro encontrado por Soraya Brixí nos Arquivos Eclesiásticos da Arquidiocese de Diamantina, em fevereiro de 2015.

Brixi

A família Brixi – a origem boêmia e o sonho de uma nova vida no Brasil

Soraya Brixi Tony de Souza (bisneta dos imigrantes)

O boêmio Ernst ou Arnošt Brixi nasceu em 13 de janeiro de 1870, em Sobotka casa 46, região de Jičín, Hradec Králové. Era filho de Anna Brixí (nascida em Sobotka) e neto de Václav Bryxy (nascido em Spyšova c. 5) e Františka Šolcová (nascida em Sobotka c. 161).

O nome da família Brixi teve várias grafias ao longo do tempo, como: Brykczy, Brykczí, Brikczy, Brikci, Bryksi, Briksa, Bryxy, Bryxí, Brixí ou Brixi. Esse ramo da família já vivia em Spyšova em 1780. Mais tarde foram para Sobotka, após o casamento de Alzbětha Anna Brixi, bisavó de Ernest, com Dominik Šuk, cuja família vivia em Sobotka casa 46.

Sobotka era uma pequena vila que, na época, tinha cerca de 2 mil habitantes. Ernst Brixi, buscando melhores oportunidades, decidiu ir trabalhar em Jičín, capital do distrito, onde exercia a profissão

de sapateiro, em 1895. Ali conheceu sua futura esposa, Františka Strougal, nascida em 9 de março de 1873 em Řevničov casa 13, Rakovník, a cerca de 50 quilômetros a oeste de Praga. Outras grafias do sobrenome de Františka são Strongal e Strugal. Ela era filha de Antonín Strougal e Maria Kočarek (outra grafia seria Kuczarek), nascida em Senkov, Louny, também a cerca de 50 quilômetros a oeste de Praga.

O casamento

Ernst Brixl e Františka Strougal se casaram em 16 de junho de 1895, em Jičín, Hradec Králové. Com o casamento, buscaram melhores condições de vida para iniciar uma família. Assim, decidiram se mudar para a cidade de Dux (antigo nome germânico) ou Duchcov (atual nome tcheco), no distrito de Teplice, região de Ústí nad Labem, norte da Boêmia.



Fotografia de casamento de Františka Strougal e Ernst Brixl
(foto: acervo pessoal)

A cidade era um dos centros de desenvolvimento mais importantes do país, naquele momento. Prosperava com a ferrovia, a exploração das minas de carvão e a instalação das primeiras fábricas, principalmente de vidro, porcelana e outras fundições. Viveram em Dux ou Duchcov por quatro anos, ele trabalhando como mineiro. Ali nasceram seus dois primeiros filhos: Ernst Josef (em 5 de dezembro de 1895) e Franz Josef (em 18 de março de 1898). Em 1899, Františka Strougal já estava grávida de seu terceiro filho e a família sonhava com melhores condições de vida.

A emigração para o Brasil

À época, a Sociedade Colonizadora Hanseática promovia a colonização da região de Joinville - SC com promessas de terras para atrair imigrantes. A região de Ústí nad Labem é considerada a terceira região da Boêmia de onde mais imigrantes tchecos saíram para viver no Brasil.

Apesar da vida árdua de trabalho nas minas de carvão, esta era, ainda, uma decisão difícil. Deixar para trás o mundo conhecido e atravessar o oceano para buscar um futuro melhor demandava muita coragem e desapego. Porém as promessas de terras em um país de paz, e clima ameno, com fartura de alimentos e de oportunidades, eram convincentes e despertaram a esperança de prosperidade na família. Decidiram, então, partir rumo ao desconhecido.

A cidade de Dux ou Duchcov foi o último local de residência de Ernst Brix e Františka Strougal na Boêmia, para onde eles nunca mais retornaram.

A nova vida no Brasil

O trem os levou ao porto de Hamburgo, de onde embarcaram no vapor *Trier*. As viagens eram difíceis, duravam cerca de dois meses, nem sempre em condições salubres. As dificuldades para ela, que estava grávida, eram ainda maiores. Em 15 de outubro de 1899, o casal chegou com seus filhos ao porto de São Francisco do Sul, no estado de Santa Catarina, com destino à Colônia Dona Francisca.

O sapateiro Ernst tinha 29 anos, Františka 24. Os pequenos Ernest Josef Brix e Franz Josef Brix estavam com 4 anos e 1 ano e meio, respectivamente. A família aguardava a chegada do filho Wencel, que nasceu já no Brasil. Estavam acompanhados do casal František Strougal e sua esposa Maria, que como eles também viviam em Dux.

Segundo relatos, até 1900, após o desembarque no porto de São Francisco do Sul, os imigrantes faziam o percurso de barco pelo rio Itapocu até a confluência dos rios Humboldt e Novo. Depois disso, seguiam por uma picada na mata até o galpão dos imigrantes, um rancho rústico feito de troncos coberto por folhas de palmito. Após a regularização de documentos e a quarentena, necessária por questões sanitárias, os imigrantes iam finalmente para a terra prometida, que ficava, muitas vezes, em matas virgens, para ali recomeçarem a vida. A família Brix fixou-se em Hansa-Humboldt, hoje chamada de Corupá, no bairro de Rio Novo.

Uma vida muito difícil os aguardava. Foram-lhes dadas ferramentas e suprimentos básicos, além de algum animal de criação. Em um país tão distante e tão diferente de sua realidade, pode-se imaginar o que sentiam. Acostumar-se com o clima, a comida e a cultura, a nova língua e os novos hábitos. Até os mosquitos e os ani-



Família Brixi em Corupá, Santa Catarina. Primeira geração no Brasil. Em pé, da esquerda para a direita: Gisela, Francisca Olga, Elsa, Maria Walleria, Ernesto José, Wenceslau, Francisco e Carlos. Sentados à mesa os imigrantes Francisca e Ernst. À frente da mesa, Juditha e Alois. Época provável: década de 1920 (foto: acervo pessoal).

mais selvagens do lugar eram diferentes. A região era habitada por indígenas e os assentamentos avançavam sobre suas terras, o que acarretou muitos conflitos.

Muitas superstições eram difundidas, inclusive como forma de proteção, por exemplo: varrer a casa levando o lixo para fora da porta durante a noite varreria também a sorte da casa. Os mais antigos diziam isso para que ninguém abrisse a porta no meio da noite, sob o risco de encontrar algum animal selvagem.

A família recomeça sua vida no Brasil dedicando-se inicialmente à agricultura. Além dos que chegaram com o casal no navio, os imigrantes tiveram mais oito filhos: Wenceslau, Francisca Olga, Elsa, Carlos, Maria Waléria, Gisela, Juditha e Alois Luiz. Alguns deles, mais tarde, se estabeleceriam em outras cidades de Santa Catarina, como São Bento do Sul, Joinville, Calmon, Matos Costas e

Porto União, e também do Paraná, como Curitiba, Palmas, União da Vitória e Cruz Machado.

Dos descendentes da filha Gisela Brixí – casada com Francisco Toni –, Ella, Elídia, Erezina e Artur, alguns foram para mais longe. A filha Ella Brixí Tony mudou-se para o Rio de Janeiro, então capital do país. Casou-se com o militar Antônio Jacinto de Souza e em 1961, já com seu filho Francisco, foram transferidos para Brasília, a nova capital do país. Ella sempre se dedicou a causas de desenvolvimento social. Seu olhar sensível ao bem estar coletivo levou-a a atuar em projetos sociais de outro descendente das terras tchecas, que ali no coração do Planalto Central também buscava construir novas realidades. Era Juscelino Kubitschek, ex-presidente do Brasil, bisneto do imigrante Jan Nepomuk Kubiček, que chegou ao país por volta de 1830.



Casamento de Gisela Brixí e Francisco Toni, em 3 de fevereiro de 1934 (foto: acervo pessoal)



Cerimônia de batismo, ano de 1963. Em primeiro plano, da esquerda para a direita: Ella Brixi Tony (de pé) e o ex-presidente do Brasil Juscelino Kubitschek (sentado) com o pequeno Juscelino no colo (foto: acervo pessoal)..

Ella e sua família sempre buscaram manter viva a história dos imigrantes, orgulhosos de suas raízes: da Boêmia de seus ancestrais e do Brasil que os acolheu. Em 2015, reuniram pela primeira vez os descendentes dos Brixi no Brasil, em encontro no edifício histórico do Seminário de Corupá - SC.

Em 2015 os bisnetos dos imigrantes dirigiram-se também às terras tchecas, para levar a história dos que aqui chegaram. Foram afetuosamente acolhidos pela família de Jaroslav e Ludmila Bryxí de Sobotka, surpresos por descobrirem familiares no Brasil. Juntos promoveram o 1º Encontro Internacional da Família, em 2016, fechando um ciclo histórico e iniciando outro. Finalmente, após 115 anos da imigração, a família tcheca e a brasileira se reuniam, restabelecendo os laços de afeto que um dia a imigração desfez, mas

1º Encontro Nacional da Família Bixi, Seminário de Corupá - SC, em novembro de 2015
(foto: acervo pessoal)



1º Encontro Internacional da Família Bixi, em Sobotka, Hradec Králové, Tchêquia, outubro de 2016
(foto: acervo pessoal)



que hoje se fortalece e une os dois países.

Algumas gerações se passaram até que a vida sonhada pelos imigrantes começasse a se tornar realidade. Seus descendentes hoje carregam o orgulho de suas raízes tcheco-brasileiras, honrando a história construída com coragem desbravadora e muito sacrifício por aqueles que, um dia, há mais de 120 anos, tomaram a difícil decisão de partir de sua terra natal.

Hlavnička

Uma travessia de Zlín a São Paulo

José Hlavnička

Em dezembro de 1947, após o fim da Segunda Guerra Mundial, o núcleo familiar de meu avô Josef Hlavnička, já falecido naquela época, estava vivendo em Zurique, Suíça, em decorrência da pré-anunciada mudança na estrutura política da então República Tchecoslovaca. Minha avó, Marie Hlavničkova, havia ficado viúva em 1943, em plena época de ocupação do exército alemão, em um não muito esclarecido, para não dizer inexplicável, acidente em que o carro do meu avô foi atingido por um trem de carga numa passagem de cancela entre Zdislavice e Litenčice, perto de Zdounky.

A morte de Josef Hlavnička — no meu entendimento, planejada para parecer acidente por ordens vindas de Berlim — foi um choque em razão da importância que ele passou a ter quando assumiu a posição de diretor-geral do sétimo conglomerado industrial do mundo e a ele foi atribuída a responsabilidade de manter ativas, no país e no exterior, as unidades industriais operacionalmente comandadas pela matriz, sediada em Zlín.



Josef Hlavnička e oficiais do exército à época da ocupação alemã.

Com o fim da Segunda Guerra, a família tinha esperança de voltar para Zlín, e minha avó para sua casa, de onde, grávida do quarto filho, havia expulsado o general alemão que a ela foi apresentar condolências pela morte de meu avô – na verdade, ele levava um pedido de Berlim para que a cerimônia fúnebre não fosse grandiosa, pois milhares de pessoas prestariam solidariedade à família e aos colaboradores de Josef Hlavnička, que conseguiu preservar vidas e o patrimônio das empresas.

Na internet há registros dos ataques aéreos. Um centro industrial não poderia deixar de ser alvo das forças aliadas contra os alemães.

Assim, em Zurique, em 1948, chegou a notícia de fechamento das fronteiras pelo novo sistema político, o comunismo, que impediu a saída de cidadãos tchecoslovacos, tolhendo a liberdade de ir e vir, e anunciou a expropriação de bens mediante decretos que atingiam vários níveis da população e de empresas, bem como o cancelamento de vários direitos, entre os quais a merecida pensão de minha avó. Era com essa pensão que, desde o fim da guerra, ela vinha mantendo os quatro filhos (Jožka, meu pai, Jura, Manka e Janeček, este nascido após a morte de meu avô) e o patrimônio familiar.



Funeral de Josef Hlavnička em Zlín, em 30 de abril de 1943.



Com a “caça à burguesia”, Jožka teve que articular um plano para voltar clandestinamente a Zlín para buscar a namorada, Mirka, minha mãe, filha única. Obviamente, meu avô materno somente consentiria sua saída via

fuga depois do casamento. Mirka (esse era seu apelido, o nome de batismo era Bohumira) era uma mulher lindíssima, morena de olhos violeta, a quem uma vidente em Praga havia dito que se casaria em breve e faria uma viagem atravessando oceanos. Minha mãe nem cogitava, mas a previsão se tornou realidade.

Com meu pai na clandestinidade, a cerimônia de casamento foi simples e rápida, restrita aos pais da noiva e padrinhos, na principal igreja em Zlín. No mesmo dia, logo após o almoço, o jovem casal seguiria o plano de fuga, que apenas Joseph conhecia. Ainda houve tempo de ir até a casa desocupada dos meus avós para embrulhar algumas coisas que ganharam e outras que poderiam ser usadas como moeda para facilitar a saída, numa corajosa e arriscada empreitada.

Naquela noite, sem que fossem detectados pelos guardas do comboio do trem nem pelos cães, conseguiram clandestinamente

subir num dos vagões carregados de carvão, onde se alojaram. Estavam a caminho de um destino que, de forma cronometrada, os obrigaria a pular do trem em pleno movimento, só com a roupa do corpo e levando passaportes falsos para o caso de serem pegos. Depois de terem se atirado do topo do vagão, viram-se na escuridão de uma floresta e, com o auxílio de uma bússola danificada no salto, seguiram a pé em direção a Áustria. Em Viena, na Embaixada Americana, já estavam prontos os passaportes legais de Jožka e Mirka.

Mas o esperado encontro do jovem casal com a família de meu pai não aconteceria em Zurique, pois minha avó resolveu partir da Suíça para o Brasil. A forte personalidade de Marie Hlavničkova marcava suas decisões.

Depois de terem sido acolhidos pelos suíços, morando num quarto de hotel por alguns meses, num ato do que poderia ser chamado de insensatez, em novembro de 1948, já com sete meses de casamento, Jožka e Mirka geraram o primeiro filho (e ali começava a minha história!). Da Suíça, foram para a Itália, onde, em Gênova, embarcaram no navio Eugenio C rumo ao Brasil. A emigração para outro país já não era mais possível, mas a escolha pelo país tinha outros motivos mais especiais: o fato de minha avó ter vindo para cá e, antes dela, seu irmão, meu tio-avô Jan Antonin. Ele já estava enraizado no Brasil, o que, em princípio, facilitaria a adaptação dos meus pais no novo país.

O caminho do casal Jožka e Mirka – e agora o meu – em terras brasileiras começou por Presidente Prudente e São Paulo. Depois de ter enfrentado alguns reveses nas várias tentativas de estabelecer negócios na capital paulista, meu pai resolveu buscar oportunidades em outro lugar, e a cidade escolhida foi Salvador, Bahia, onde vivemos por uma década.

Sendo criança e desconhecendo o passado dos meus pais na Europa, não me era possível avaliar as dificuldades que eles enfrentaram até poderem viver longe de um sistema político policialesco. Hoje, puxando pela memória e tentando fazer uma comparação com a vida na então Tchecoslováquia, imagino que a mudança para Salvador tenha sido muito impactante para o meu pai em termos materiais, a ponto de semear em seu sistema imunológico a doença que o levaria para a paz eterna aos 69 anos de idade.

Nossa história na Bahia começou com pouco dinheiro, numa pensão de um suíço que permitia que meu pai pagasse a nossa estadia com atraso. Ocupávamos dois quartos conjugados, e o banheiro ficava no fim de um interminável corredor. Apesar do calor, dos mosquitos e das ratoeiras, a comida do suíço era fantástica. Na pensão, se hospedavam normalmente estrangeiros procurando oportunidade para estabelecerem seus negócios.

Em Salvador não se vendia manteiga sem sal, e os doces eram a manga, o abacate, a fruta-do-conde e a jaca, além de uma fruta tipicamente tropical, o cajá. Foram dois anos de dificuldades, e o destino teve como aliado o tempo, que gerou a grande oportunidade ao meu pai: o projeto de uma moderna indústria de calçados. Ele teve apoio de pessoas influentes da sociedade baiana, que se solidarizaram com a perspectiva de dar emprego a mais de trezentas pessoas, e conseguiu um financiamento do Banco do Nordeste. Assim nasceu a moderna fábrica de sapatos Mirca S/A, em homenagem à minha mãe.

Da pensão, mudamos para um prédio de apartamento projetado por Oscar Niemeyer. Para fugir de tendências ditadas pela moda, numa guinada estratégica meu pai direcionou sua linha de montagem para produzir botas e sapatos para as Forças Armadas brasileiras. Após dez anos de atividade, com constantes viagens

para São Paulo, de onde sempre trazia morangos, chocolates e outras coisas que não era possível comprar em Salvador, Joseph resolveu vender sua parte na empresa para os outros acionistas e, por conta de recomendações médicas, seguimos em busca de um clima mais adequado aos seus pulmões. Assim, em 1967, voltamos para São Paulo, onde meu pai passou a se dedicar à consultoria industrial no setor de calçados. Ele se integrou à comunidade de tchecos e tornou-se presidente da União Cultural Tcheco-Brasileira, entidade que dirigiu por mais de uma década, até o seu falecimento.



Perutz

Hans e Liselotte – refugiados de guerra na América do Sul

Cristiane Perutz e Renata Canellas

Hans Perutz era filho de Konrad Perutz e Helene Löwy. Nascido em 1907, de família tcheca, trabalhava com o pai numa fábrica de tecidos em Liberec (Reichenberg). Liselotte conheceu Hans quando foi trabalhar na fábrica. Nascida em 1911, era filha de Julius Singer e Anna Singerová.

Liselotte e Hans saíram da Tchécua em 1939, quando houve perseguição aos judeus em Liberec. Eles decidiram vir para a América do Sul, onde alguns países aceitavam refugiados da guerra. Partiram da Europa com seu primeiro filho, Georg, de apenas 9 meses. Pegaram um navio para Argentina, depois um trem até a Bolívia, de onde tentaram conseguir um visto para o Brasil.

Assim que o visto foi aprovado, eles se mudaram para o Rio de Janeiro, onde Hans procurou por trabalho. No entanto, acabou encontrando em Belo Horizonte, onde, por um tempo, trabalhou em uma fábrica de caixas para cristais.



Residência da família Perutz em Liberec (foto: acervo pessoal).

Quando a fábrica fechou, mudaram-se para Valença, interior do Rio de Janeiro, onde começaram sua própria fábrica de tecidos, já que tinham adquirido uma grande experiência na fábrica de Liberec.

Em Valença nasceu a segunda filha, Peggy em 1945.

Após muitos anos, a família mudou-se para Belo Horizonte, onde tiveram uma granja e a fábrica de lenços Perutz do Brasil. Eles solicitaram a cidadania brasileira nos anos 1950.

Peggy casou-se, na capital mineira, com o médico José Celso Cardoso, e tiveram três filhos: Renata, Ricardo e Cristiane. Eles moraram em uma cidade próxima a Belo Horizonte chamada João Monlevade. Peggy faleceu aos 29 anos, e José Celso casou-se novamente três anos depois, mudando-se para Brasília em 1983.

Jorge Perutz casou-se com Junia Horta Neves e tiveram quatro filhos: Cláudia, Adriana, Marcelo e Maria Teresa.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

23217

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso **Liselotte Perutzová**
Admitido em território nacional em caráter **temporário**

Nos termos do art. **25** letra **A** do dec. n. **3.010** de 1938
Local e data de nascimento **Vornsdorf 24 / 8 1939**

Nacionalidade **Checoslováquia** Estado civil **casada**
Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Julius Singer, Ana Singer** Profissão **---**

Residência no país de origem **La Paz**

FILHOS MENORES DE 18 ANOS	NOME	IDADE	SEXO
	Georg	9 meses	masc.

Passaporte n. **2359** expedido pelas autoridades de **Praga** na data **27 de Jan. 1939**
vindo sob n. **21**

ASSINATURA DO PASSADANTE
Liselotte Perutzová



Consulado **La Paz** do Brasil
19 de **Junho** de **39**
O CONSUL
[Signature]

NOTA - Esta ficha deve ser apresentada à respectiva polícia consular por ocasião da saída do país para ser entregue

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

MUSEO G. G. 199

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso **Hans Perutz**
Admitido em território nacional em caráter **temporário**

Nos termos do art. **25** letra **A** do dec. n. **3.010** de 1938
Local e data de nascimento **Liberoc 28 / Set. 1939**

Nacionalidade **Checoslováquia** Estado civil **casado**
Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Karado Perutz Helena Perutz** Profissão **fabricante**

Residência no país de origem **La Paz**

FILHOS MENORES DE 18 ANOS	NOME	IDADE	SEXO
	Georg	9 meses	masc.

Passaporte n. **2359** expedido pelas autoridades de **Praga** na data **27 de Jan. 1939**
vindo sob n. **20**

ASSINATURA DO PASSADANTE
Hans Perutz



Consulado **La Paz** do Brasil
19 de **Junho** de **39**
O CONSUL
[Signature]

NOTA - Esta ficha deve ser apresentada à respectiva polícia consular por ocasião da saída do país para ser entregue

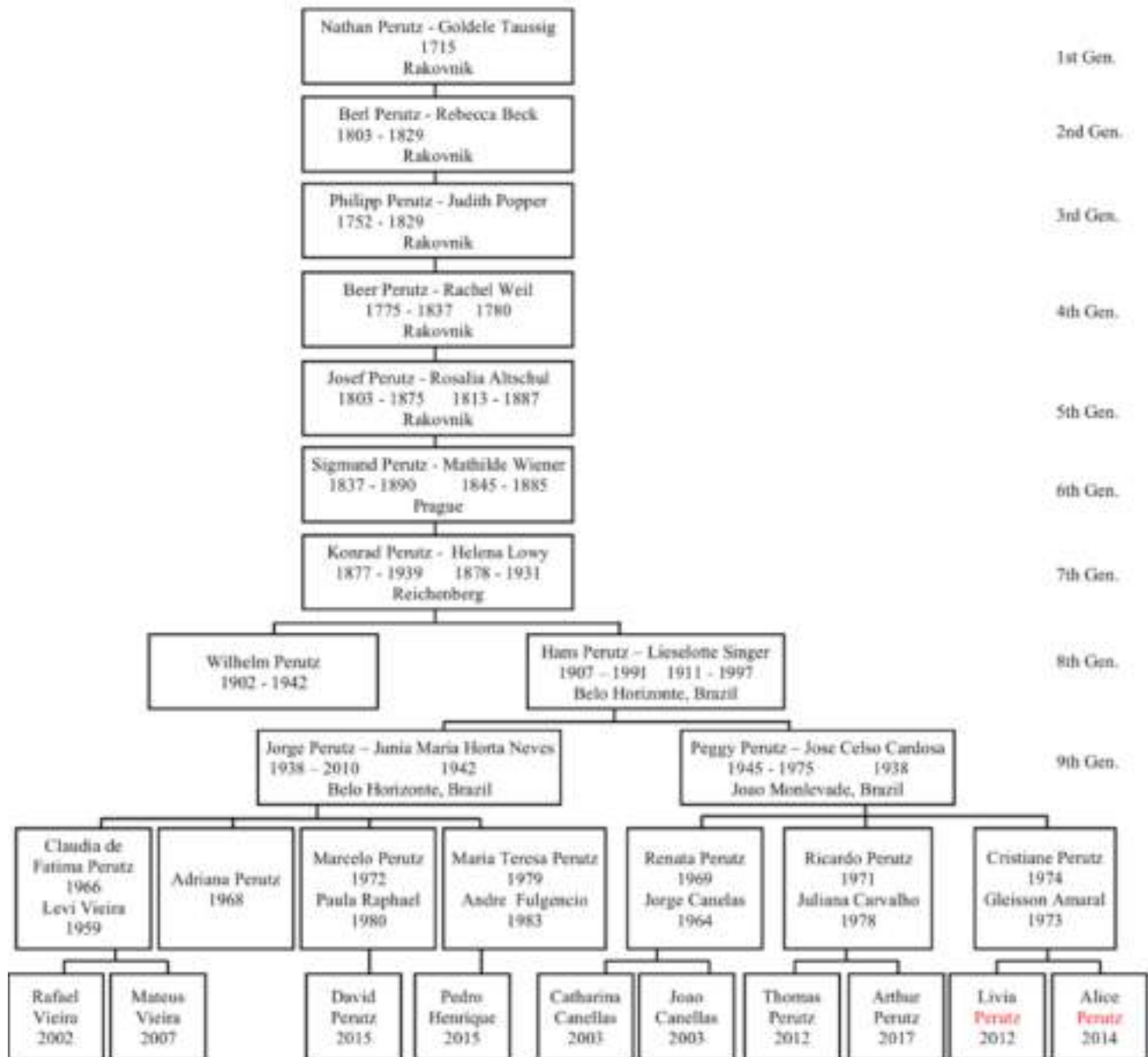
Cartão de emigração de Liselotte e Hans (imagem: acervo pessoal).



Peggy com seus filhos, Renata, Ricardo e Cristiane, em 1974 (foto: acervo pessoal)

Os filhos de Peggy procuraram a embaixada tcheca a fim de solicitar a cidadania dos antepassados e, no período de 2015 a 2020, passaram pelo processo de pesquisa e de documentação, conseguindo obter êxito em março de 2020.

Konrad Perutz & Helene Löwy



Árvore genealógica da família Perutz.



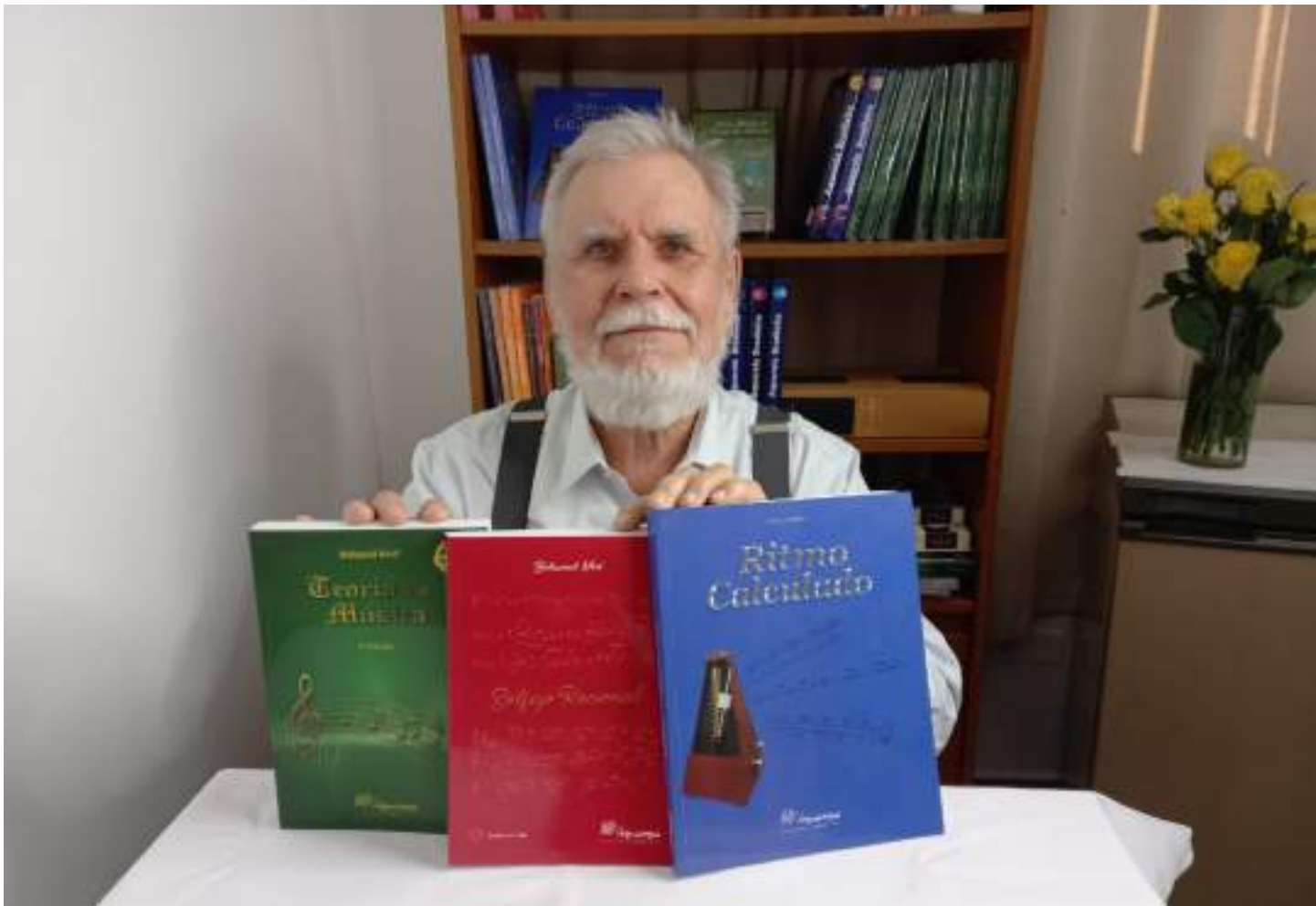
Med

As aventuras de um músico tcheco em Brasília

Bohumil Med

Brasília foi construída num quase deserto no centro do país, graças à coragem e persistência de um presidente de origem tcheca, Juscelino Kubitschek. Quando aqui cheguei, em 1974, a cidade tinha 14 anos e a população não passava de 200 mil habitantes. Avenidas largas e pouco movimentadas dispensavam os semáforos.

Bacharel em trompa pelo Conservatório Estatal de Música de Praga, com pós-graduação pela Academia de Artes Janáček, em Brno, com muita experiência em orquestras tchecas e seis anos na Orquestra Sinfônica Brasileira, no Rio de Janeiro, fui convidado pelo reitor da Universidade de Brasília (UnB) para integrar o quadro de docentes da instituição. Na universidade, tudo era recente, aberto a inovações. Para ministrar minhas aulas, escrevia apostilas. Para transformá-las em livros, procurei as principais editoras em São Paulo, mas foram recusadas.



Professor Bohumil com livros de sua autoria (foto: acervo pessoal).

A solução foi abrir minha própria editora e começar a imprimir e comercializar meus livros sozinho. Originalmente a editora funcionava na sala do meu apartamento, e o estoque era guardado embaixo da cama. Com a inclusão de livros de outros autores no nosso catálogo, o espaço ficou insuficiente e acabei contratando uma sala comercial. Assim, em 1982, abri a firma MusiMed e tive que contratar uma secretária e um contador. Para cobrir as novas despesas, aumentei ainda mais o catálogo, incluindo livros e partituras importados. O movimento foi crescendo, necessitando de mais salas e mais funcionários, até chegar ao ponto atual, uma loja de 800 metros quadrados no centro da cidade, com mais de 100 mil títulos nas



Em 2002, Bohumil foi agraciado com o prêmio Jan Masaryk - Gratias Agit concedido pelo governo da Tchêquia, pela divulgação da cultura tcheca no Brasil (foto: acervo pessoal)

prateleiras, o que faz da MusiMed a maior livraria musical da América Latina. Hoje, além de editar livros, a firma comercializa partituras da Alemanha, Estados Unidos e outros países e atende músicos profissionais e amadores no Brasil e no exterior. Minha produção individual também cresceu, somando nove títulos e um DVD. Meu trabalho foi reconhecido com várias honrarias, incluindo o título de Professor Emérito da UnB.

Em Brasília encontrei poucos tchecos. Com o tempo, juntamos os patrícios e fundamos a Sociedade Cultural Brasil-Tchecoslováquia, que organizava concertos, palestras e encontros. Até 1989, a Embaixada Tcheca nos ignorava, tratando-nos como emigrantes criminosos. Eu mesmo, por ficar no Brasil após terminar o prazo legal de permanência no exterior, fui condenado a dois anos e meio de prisão como traidor da pátria. Minha cidadania tcheca foi



Professor Bohumil com o então embaixador da Tchécua em Brasília, Sr. Jiří Havlík, no evento de lançamento de seu livro, em 2017 (foto: acervo pessoal).

cassada. Com a queda do comunismo na Tchecoslováquia, os “emigrantes criminosos” se transformaram em patricios amigos. Minha cidadania tcheca foi restabelecida e a nossa sociedade somou forças com a embaixada na propagação da cultura tcheca no Brasil. E, como reconhecimento do meu trabalho nessa divulgação, fui agraciado pelo governo Tcheco com o importante prêmio *Gratias Agit*.

Hubinger

Memórias de um embaixador

Václav Hubinger

Em todos os países onde eu atuei como embaixador estive com nossos conterrâneos.

Cada país apresenta um ambiente diferente e um relacionamento específico entre habitantes locais e imigrantes. E mostra maneiras distintas de assimilar culturas diferentes, que encontram assim um novo lar. Como foi minha experiência no Brasil? Consigo explicar em uma só frase como é o Brasil e como são os brasileiros? Para mim, não é possível fazer isso, nem depois de cinco ótimos anos nas terras brasileiras.

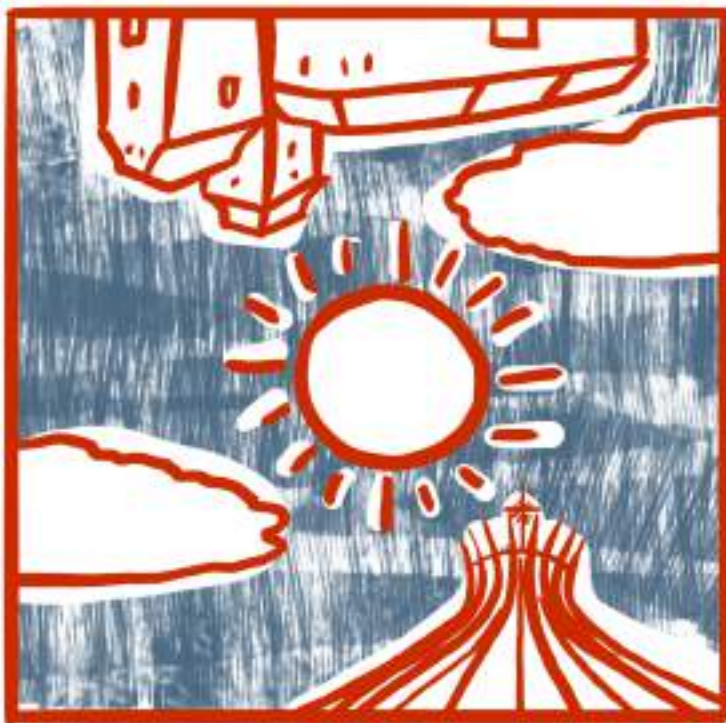
Em um primeiro momento, conheci nossos “brasilienses”. Não seria fácil encontrar outro grupo de compatriotas tchecos que pudessem ser tão bem definidos por sua profissão – músicos, excelentes profissionais, ótimos artistas. Uma vez, por causa de um almoço tcheco com meus compatriotas, tirei vantagem do meu cargo e contrabandeei de Praga, literalmente, os frutos proibidos: dois quilos de ameixas. Na companhia deles, gostei mais dos tradicionais bolinhos tchecos de requeijão e ameixas do que talvez os próprios

compatriotas, que não se importavam de serem servidos por um contrabandista disfarçado de embaixador tcheco.

O nosso Consulado Geral tomava conta da comunidade tcheca do Rio de Janeiro, e eu era um convidado frequente. Assim conheci Fredy Sobotka. Acho que ele nunca soube da inconveniência que

causou para mim. Não se tratou de nenhum drama, e eu nunca o mencionei para Fredy. Na sua condição de carioca, poderia ter dificuldade de entender.

Naquela época, o primeiro-ministro tcheco visitou o Brasil. Em Brasília, ele foi recebido pelo presidente Lula, logo após o Carnaval, o que se considerou no meio diplomático um milagre. Tudo deu certo e fomos visitar o Rio de Janeiro. Na programação de nossa visita, entre duas reuniões, havia um almoço, na forma de buffet oferecido por Fredy em seu apartamento. Ao chegarmos, Fredy sussurrou ao meu ouvido que havia preparado uma surpresa carnavalesca para o premiê. Antes que eu conseguisse perguntar de que se tratava, as portas se abriram e duas mulheres lindas com chapéus de plumas e ligeiramente vestidas entraram no salão. Acompanhadas por três músicos, avançaram no ritmo de samba em direção aos convidados. Todo mundo deixou de lado os camarões e canapés, e até a caipirinha perdeu a graça. As dançarinas, que tinham mais de dois metros de altura com os saltos altos e as plumas, conseguiram avançar até o sofá onde o premiê estava sentado. Eu estava ao lado dele e, na nossa frente, mexiam e balançavam poderosas si-



lhuetas de duas mulheres. Olhei para o premiê e sabia que o mal estava feito. Ele estava sentado tenso, com o copo na mão, de olhos fixos, e disse em voz baixa: “Isso não!”.

Não perguntei nada e tentei a afastar as dançarinas para o mais longe possível dele. Elas não entenderam, porém recompuseram-se prontamente e recomeçaram a apresentação carnavalesca para outros convidados. Voltei para junto do premiê, pedi desculpas, mas, naquele momento, aparentemente, caí no desagrado dele. Depois de alguns instantes, o secretário do premiê sussurrou para mim: “não se espante com isso. Daqui a alguns dias haverá eleições e, se as fotos daqui aparecerem nos jornais...”. Bem, nenhuma foto apareceu em qualquer jornal, tcheco ou estrangeiro, mesmo assim o premiê não ganhou as eleições, e eu adquiri uma lembrança para a vida inteira. Sobretudo uma lembrança de como me surpreendi ao estar na pele e na mentalidade brasileiras. Eu não me dei conta de que uma situação como essa poderia prejudicar um político! No Rio, com certeza não poderia.

Na época, o Consulado Geral em São Paulo cuidava mais das relações econômicas, e um pouquinho mais longe de lá, no Mato Grosso do Sul, fui algumas vezes convidado de “nossos gaúchos”. Eles eram os verdadeiros pioneiros, descendentes dos funcionários da empresa Baťa, que contribuíram para estabelecer uma colônia tcheca no interior, no lado direito do rio Paraná. É um Brasil diferente, e eles são tchecos, um pouco insólitos também. Hoje em dia, o Consulado Honorário tem sua sede lá e quem está à frente é Evandro Trachta, veterinário e homem justo.

Não vivenciei nenhuma aventura dramática nem qualquer história freneticamente alegre com os compatriotas ou diante deles. Contudo, sempre me senti bem com eles e em sua presença. Eles me ajudaram a compreender o Brasil e me mostraram o resultado

fascinante do fatigante trabalho humano, da determinação e confiança em suas próprias forças. Eu desejaria tal aprendizado a qualquer pessoa.

Obrigado a todos, amigos!



Chobotová

Brasil, um paraíso verde

Radka Kristýna Chobotová

Eu comecei a me mudar e mover-me pelo mundo aos 20 anos e, desde então, não parei mais. Nasci em Ostrava, na República Tcheca, e fiz meu mestrado na Holanda. Meu primeiro trabalho foi na Organização das Nações Unidas (ONU), no Iêmen. Depois de morar em vários países (Holanda, Iêmen, Egito, Áustria, França), finalmente me estabeleci no Brasil. Sou casada com um brasileiro e acompanhei meu marido em mudança para o país em 2016. Inicialmente, moramos no Rio de Janeiro e, em 2019, partimos para Brasília. Embora Brasília não seja um destino turístico típico, a cidade tem uma arquitetura fascinante e é relativamente segura e organizada para os padrões da América Latina, tornando-se um lugar confortável para viver. Além disso, o clima de Brasília é realmente agradável, com dias de sol na maior parte do ano.

Atualmente, trabalho na Agência das Nações Unidas para as Migrações no Brasil. Há mais de quinze anos venho trabalhando com a questão migratória em diferentes partes do mundo, mas cada

experiência é singular, e a questão das migrações no Brasil me ensinou muito. Apesar das próprias dificuldades econômicas, o Brasil oferece apoio e oportunidades de integração para imigrantes venezuelanos, deslocados de seu país por questões políticas, socioeconômicas e de direitos humanos. Talvez por seu pas-



sado caracterizado por diferentes fluxos migratórios, o Brasil é um país que lida de forma natural com os imigrantes, e casos de xenofobia não são tão comuns quanto em outros contextos. Sendo eu própria migrante, sempre me senti tratada com cortesia e respeito e recebi muito apoio do meu marido, da sua família e de seus amigos.

Quando me mudei para o Brasil, tive que aprender muitas coisas em muito pouco tempo, além da língua portuguesa: entender como funciona a sociedade, aprender aspectos práticos como cozinhar com ingredientes locais, enfrentar o calor extremo em ambientes externos e o frio intenso em ambientes internos com ar-condicionado congelante. Claro, a parte mais difícil do processo de migração sempre é lidar com a distância da família e amigos. O que realmente me ajuda é ter contato diário com eles via internet e viajar para a República Tcheca pelo menos duas vezes por ano. Em compensação, conheci muitas pessoas interessantes e amigáveis no Brasil, e durante todo o ano posso desfrutar do clima agradável, da culinária brasileira saudável e da variedade de frutas e vegetais.

O que eu mais gosto no Brasil é sua natureza, as praias de areia, as montanhas verdes, a floresta tropical e as cachoeiras

com água em abundância. Na minha opinião, o Brasil tem algumas das paisagens naturais mais bonitas do mundo, e, sempre que possível, gosto de usar meu tempo livre para passear e conhecer novos lugares. Na República Tcheca, a caminhada é uma espécie de esporte nacional e aqui no Brasil ela também é minha atividade favorita. No Rio de Janeiro, eu e meus amigos fazíamos viagens para montanhas rochosas da região. Em Brasília, quase todo final de semana faço viagens para o Cerrado, bioma bastante parecido com a savana Africana e que fica nos arredores de Brasília. Melhor ainda do que a caminhada é mergulhar na cachoeira após um longo percurso.

O lado perverso do paraíso verde, pelo menos para uma pessoa nascida na República Tcheca e que teve educação e saúde gratuitos, além de um sistema social robusto, é ver a desigualdade e pobreza de parte da população local, fenômeno com raízes históricas profundas no Brasil e em outros países latino-americanos. Apesar de a situação ter melhorado nos últimos anos, ainda é verdade que, sendo negra, membro de uma classe social popular ou de uma comunidade tradicional (indígena, quilombola), a pessoa tem maior probabilidade de ser discriminada e ter acesso a serviços públicos de pior qualidade. A desigualdade e a pobreza são algo com que nunca me acostumarei e, por meio do trabalho que faço, espero contribuir para que haja melhores oportunidades para todos.



Brixi

Nas terras da Boêmia

Soraya Brixi Tony de Souza

Pisar as terras dos nossos ancestrais cerca de 120 anos depois que eles deixaram a região é uma experiência física e emocional profunda. Levar de volta notícias de quem um dia partiu é como completar um ciclo há tanto tempo iniciado.

Nossos bisavós Ernst Brixi (nascido em 13 de janeiro de 1870 em Sobotka-Jičín, Hradec Králové) e Františka Strougal (nascida em 9 de março de 1873 em Řevničov, Rakovník) se casaram em 16 de junho de 1895 em Jičín, Hradec Králové, e mudaram-se para Duchcov. Em 1899, após o nascimento do segundo filho, decidiram deixar seu mundo conhecido e vir para o Brasil. Instalados em Corupá - SC, ali nasceram nossa avó, Gisela Brixi, e nossa mãe, Ella Brixi Tony, que após se casar mudou-se para Brasília, em 1961.

Apesar da mudança, Ella sempre se manteve conectada com os parentes em Santa Catarina. A nós, seus filhos – eu e meus irmãos, Francisco, Juscelino e Margareth –, contava sobre as histórias e os



Esquerda: Ella Brixí Tony, descendente da família no Brasil, em 1963.

Direita: Jaroslav Bryxí e Ludmila Brixová, descendentes da família na República Tcheca (fotos: acervo pessoal).

costumes para manter viva a memória de sua família.

Em 2015, conseguimos finalmente fazer o caminho inverso ao que um dia os imigrantes fizeram. Sabíamos que esse era também o sonho da nossa mãe.

“Ver” o mundo que os olhos deles viam quando lá viviam foi como viajar no tempo. Percorrer fisicamente os locais onde as histórias aconteceram, lugares esses tantas vezes imaginados. Entrar nas igrejas onde foram batizados e onde se casaram, ver as casas onde moraram, caminhar pelas mesmas ruas por onde um dia caminharam. A sensação de tudo ser, de alguma forma, familiar, é como aquela de quem volta para uma antiga casa. São experiências de reconexão entre o passado e o presente, ao se refazer um elo que em algum momento na história havia se rompido.

O percurso nos traduz a dimensão de sua coragem, diante das dificuldades que enfrentariam ao se lançar para o outro lado do mundo, rumo ao desconhecido, em terras com realidades tão diversas. Revela também a dimensão de seus sonhos de começar uma nova vida, reconfigurar sua história e construir um novo destino para seus descendentes.

O encontro com a família

Descobrir, do outro lado do mundo, pessoas que carregam o mesmo DNA que você e que são parte de sua história é também uma experiência valorosa, que sensibiliza o entendimento do passado e sua relação com o presente. O primeiro encontro com os descendentes da família tcheca que permaneceram na cidade de origem de nossos antepassados foi um momento de grande felicidade. Ao encontrar o casal Jaroslav e Ludmila Bryxí, estabeleceu-se uma afinidade imediata, envolta em muita emoção. A família se mostrou surpresa ao saber da existência de um ramo familiar dos Brixí no Brasil.

Provemos, então, um encontro com pessoas vindas de várias partes do país para que conhecessem a recém-descoberta família brasileira. Levamos notícias dos que partiram e conhecemos as histórias dos que ficaram. Os abraços tímidos, a princípio, se abriam diante das emoções de inúmeras fotos, nomes e datas, documentos e demais anotações colhidas ao longo do tempo, que todos apresentavam com orgulho. Olhares atentos buscando descobrir como estavam conectados, e o lugar de cada um, nessa longa e nova história.

Depois percorremos juntos locais importantes para todos, como se comunicássemos aos ancestrais, daqueles lugares, que agora estávamos mais uma vez reunidos. Ao final, a sensação de

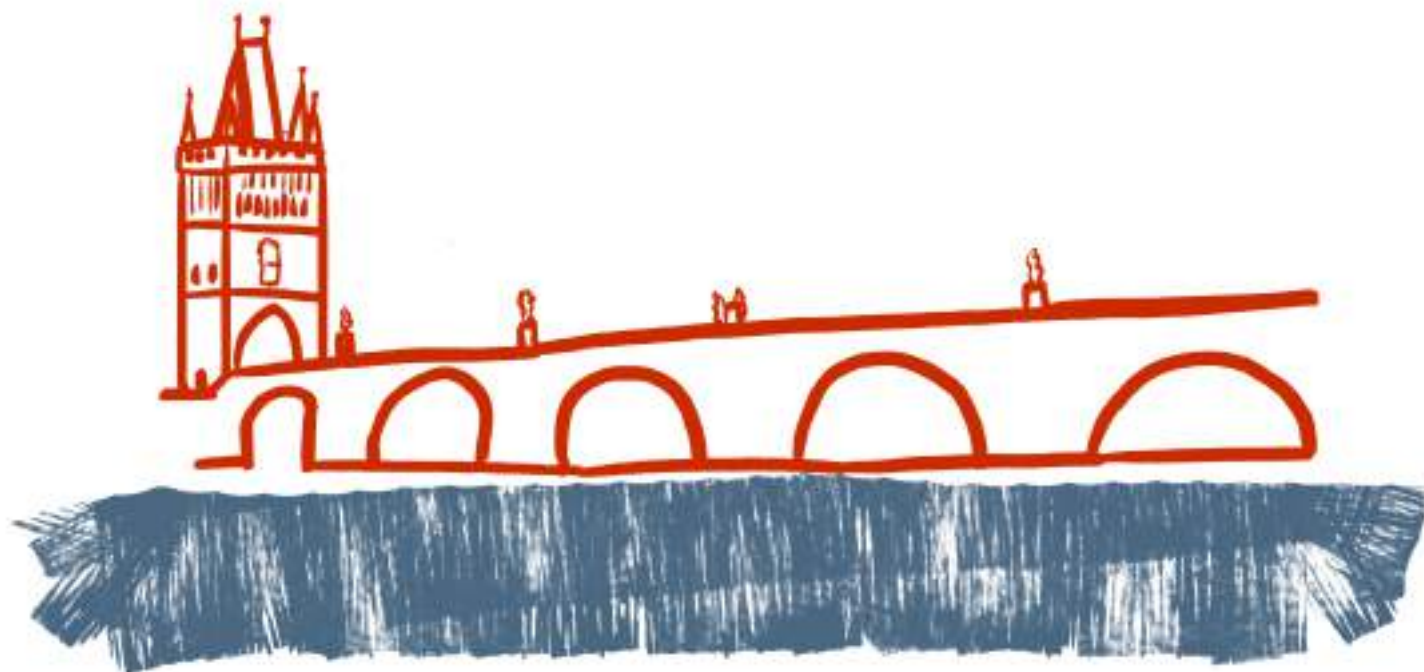


Visita à casa que pertencia a Jan Brixl em 1500, Libošovice, Tchêquia, em outubro de 2016 (fotos: acervo pessoal).

maior pertencimento e a emoção pela extraordinária experiência faziam pulsar, ainda mais forte, o coração de nossa família, refazendo o vínculo que se estendeu além do tempo, da distância e por várias gerações.

Sobre Praga

Viver em Praga é estar imerso na história e na cultura não só do país como também da nossa da família. A cidade é de uma beleza estonteante. Cada rua é como uma pequena jóia, assim como seus edifícios, parques e outros elementos urbanos. O deslumbramento acontece sempre, mesmo depois que passamos várias vezes pelo mesmo lugar, pois até a paisagem mais casual é magnífica.



Enquanto o Castelo de Praga domina a cidade, o rio Vltava percorre Praga silenciosamente, testemunhando a história e organizando a vida que em torno dele acontece. É o ponto geográfico mais baixo da cidade. Ao caminharmos pelos parques e ruas ao redor, vislumbramos cenários de tirar o fôlego.

Praga é muito segura. O país é considerado um dos dez mais seguros. São muitos parques e pontos de encontro acessíveis a todos, um lugar que se oferece generosamente a seus moradores. Ter acesso à cidade sem a necessidade de ter um automóvel é outra experiência incrível. Praga conta com excelente transporte público, que integra metrô, ônibus, tramway, barcos e também bicicletas. Isso democratiza o território para que todos possam usufruir dele.

A vida cultural é intensa em seus diversos aspectos: exposições de arte, design, música, literatura, com muitas atividades ao ar livre e gratuitas. Isso molda o olhar da população. É uma cidade tão linda que por si só já emociona.



Vista do Castelo de Praga a partir da Ponte Carlos (fotos: acervo pessoal).

Sobre o país

O país tem uma posição privilegiada no continente europeu. Há mais de 2 mil castelos espalhados (dizem que é o maior número de castelos por quilômetro quadrado na Europa). Entre eles está o Castelo de Praga, considerado o maior complexo castelar do continente, com cerca de 70 mil quilômetros quadrados, onde funciona a sede do governo tcheco. Além disso, o país tem várias outras referências importantes na história da arquitetura.

A renomada Universidade Carlos de Praga, fundada em 1348, é uma das mais antigas da Europa. O sistema público de saúde é acessível. O país tem taxas de desemprego próximas de zero. Claro que a língua é extremamente difícil mas... a cerveja é a melhor do mundo.

Além de Praga, cidades como Český Krumlov, Brno, Karlovy Vary e tantas outras têm belezas únicas. Algumas são pequenos vilarejos tranquilos, mas que registram séculos de história. Vários dos sítios foram declarados como Patrimônio da Humanidade, pela Unesco.

Os parques nacionais, como a chamada Boêmia Suíça, o Paraíso Tcheco e outros sítios de rochas, lagos e montanhas, são imperdíveis. É também um país para caminhadas, com todo o seu território mapeado por trilhas, além de uma malha de transportes eficiente que abrange todo a região. As diferentes estações do ano são bem marcadas. O frio é intenso, mas a beleza da neve é imensurável.

Percorrer as ruas de Praga e de outras várias cidades do país é como caminhar por páginas de livros de história, de arte e de arquitetura. Viver em meio a tamanha beleza estimula nossa sensibilidade e eleva o nosso espírito.

Sobre os tchecos

Exatamente como vivenciamos com nossa mãe, os tchecos são bastante curiosos acerca do mundo. Gostam de viagens e aventuras. São, a princípio, formais e sua língua evidencia isso. Porém, conquistada sua confiança, são alegres e afetuosos. Com um humor inteligente, porém um pouco “ácido”, gostam também de uma boa conversa. São tão diretos em suas opiniões e comentários que, por vezes, chocam a nós brasileiros, parecendo “sinceros demais”. Em relação a suas habilidades em trabalhos e artes manuais, orgulham-se de ter as chamadas “mãos de ouro”.

Dizem que, além do hóquei, a “reclamação” é um esporte nacional – mais como um exercício do debate e para aliviar o estresse, sempre acompanhado de uma boa cerveja, é claro. Bastante

orgulhosos de sua cultura e de seu lugar, gostam de ouvir coisas boas a respeito deles e do país, mas, se você não reclamar de nada, vão achar que está mentindo.

Apreciam estar ao ar livre, caminhar nos parques, ir para as montanhas, percorrer trilhas, além de praticar esportes no inverno.

Bastante pragmáticos e focados em viver a própria vida, cuidam de seus negócios e não se preocupam muito com o que os outros estão fazendo. Talvez isso guarde relação com o sua história de sobrevivência e também pelo fato de serem uma das populações menos religiosas do mundo. Entre 75% e 80% dos tchecos afirmam não seguir nenhuma religião ou crença. Na verdade, aparentam mesmo certo toque de rebeldia em relação a normas. Diz-se que costumam criar muitas regras mas eles mesmos não as seguem todas. Porém, se você é estrangeiro, é recomendável seguir à risca cada uma delas. Por outro lado, parecem ter uma visão mais coletiva de sua sociedade.

Buscam a prosperidade para ter qualidade de vida, como comer bem, ter um bom lugar para morar, viajar e ter tempo para a família e os amigos. Não percebo terem no consumo excessivo e na acumulação de bens os únicos referenciais de sucesso, o que muitas vezes molda o estilo de vida em outros países. Ali, até a experiência de consumo, nas lojas, muitas vezes é diferente.

Para um estrangeiro com uma cultura distinta, integrar-se à mentalidade tcheca é buscar uma vida de qualidade. Nossa mãe nos passou esses mesmos valores, acerca de onde realmente buscar a felicidade.

Minha experiência pessoal

Reconhecer-se em outro país, em um lugar tão distante, e não se sentir estrangeiro, por descobrir ali afinidades e traços culturais da sua infância, que consolidam a história de sua família, é emocionante. Uma viagem às raízes pode transformar sua vida de uma maneira sutil, porém profunda. Pode ressignificar hábitos, comportamentos, traços culturais, valores e até mesmo sabores que, enfim, começam a adquirir novos sentidos.

Identificar nos detalhes da vida cotidiana o quanto a cultura tcheca sempre esteve presente em nossa casa, e na voz de nossa mãe, mesmo quando ainda não sabíamos com precisão sobre nossas origens, me faz valorizar também e ainda mais a riqueza do Brasil. Esse país magnífico que, por acolher tantos povos, promove a integração entre tantas culturas.

Redescobrir aspectos de si mesmo na história de seus antepassados, experienciar lugares de memória, poder se conectar com suas origens e honrá-las com o profundo sentimento de gratidão por tudo que construíram, sensibiliza nossa essência.

Afinal, é como encontrá-los em algum ponto do caminho, no espírito do lugar, e poder, ainda que de forma etérea, “tocar” suas mãos. Isso sensibiliza nossa percepção acerca do mundo no qual nos sentimos inseridos enquanto reconfigura a relação física, temporal e emocional com nossa própria história.



Textos encomendados e selecionados pela
Embaixada da República Tcheca em Brasília.

Organização: Tomáš Loniček
Tradução: Filip Vavřínek
Projeto gráfico e edição: Vitor Borysow
Preparação de textos: Fabiana Biscaro
Ilustrações: Renata Torres

Agradecemos a todos os compatriotas que contribuíram com esta publicação.



Ministerstvo zahraničních věcí
České republiky